

MARIÁTEGUI, José Carlos. *As origens do fascismo*. São Paulo, Editora Alameda, 2010. Organização, tradução, prefácio e notas de Luiz Bernardo Pericás.

John Kennedy Ferreira \*

Em 2010 completam-se 80 anos da morte de José Carlos Mariátegui, e neste ano foi lançado pela Editora Alameda o livro *As origens do fascismo*, reunindo 37 artigos publicados no período em que esteve na Itália. A coletânea foi cuidadosamente organizada por Luiz Bernardo Pericás, um dos maiores divulgadores de Mariátegui no Brasil, que nos brinda com um excelente trabalho. O livro é bem preparado e traz em suas orelhas uma breve contextualização do assunto. Pericás organizou uma excelente cronografia dos artigos, com pertinência, conforme os assuntos. Igualmente, há um ótimo trabalho de pesquisa com dados sobre todos os nomes mencionados, apresentado em nota de rodapé, bem como uma seção de fotos da época.

Pericás fez uma ótima apresentação do texto, com um apanhado conjuntural da *velha bota*, indo do esforço de Garibaldi, Cavour e Mazzini pela unificação até o cenário confuso que determinou o ascenso das *fascio de combattenti* ao poder.

A introdução merece destaque: o autor busca colocar o leitor dentro do cenário político da época. A Itália é apresentada em toda a sua complexidade: uma unificação feita por cima, com centenas de línguas, dialetos, costumes não compreendidos e não incorporados. O desenho que permitiu a unificação deixou de fora toda uma série de demandas sociais, fortalecendo o Norte industrial e burguês em detrimento do Sul, privilegiando o latifúndio em detrimento da pequena propriedade, deixando as classes populares mal acomodadas em proveito dos latifundiários e das nascentes classes industriais e tendo, ainda, uma larga burocracia confusa e corrupta dentro do universo do jovem estado.

Tal realidade permite que as classes populares realizem uma movimentação político-econômica pressionando por reforma agrária, aumentos de salários, sufrágio universal etc. Por seu turno, as classes dominantes italianas afirmam uma retórica que mistura nacionalismo, imperialismo, antissocialismo com catolicismo e militarismo, tendo como pano de fundo a profunda crise do liberalismo, que se aprofundaria no pós-I Guerra. O que criará um ambiente instável, com quedas constantes de governos. Temos assim, de outro lado, radicalização das lutas operárias e camponesas com ocupações de fábricas, o aumento das lutas agrárias e de direitos civis levando num momento a Itália às vésperas da revolução socialista. E, de outro, a reação das classes médias rurais e urbanas, temerárias de perdas de suas propriedades, apoiadas pelas classes dominantes, que dessa forma tecerão os elementos espirituais do fascismo.

Este é o momento em que o jovem ativista socialista peruano José Carlos Mariátegui desembarca na Europa para seu “exílio dourado”, escolhendo como local de estada a Itália. Tal escolha não é aleatória. A cultura italiana tinha influência no cenário político cultural de Lima, com vários magazines e jornais de origem italiana. O poeta Abraham Valdelomar, amigo de Mariátegui e que durante longo tempo exerceu influência sobre o jovem pensador, havia conhecido a Itália e nesta travara contato com o poeta nacionalista Gabriele D’Annunzio, introduzindo a retórica dannunziana na vida peruana.

O José Carlos Mariátegui que chega à Europa é o jovem ativista socialista que deixara de lado as “titularias” literárias e passara a se dedicar à política. Na Europa e mais precisamente na Itália desenvolverá seu marxismo travando contato com a efervescência político-intelectual que agitava a *velha bota*. Conhecerá artes, poesia, música e travará contato com diversos intelectuais, como Gorki, Gobetti, Croce e outros.

É isso que estará representado em seus escritos. O tempo da correspondência é largo e, portanto, não há como fazer a cobertura *in loco*. Assim, seus escritos não são meras reportagens, mas artigos que cuidadosamente observam os principais personagens e o conjunto de ideias que mobilizam atrás de si. Dessa maneira, muito mais que focar Nitti, Croce, Serrati, Gentile, D’Annunzio, Giolitti, Marinetti ou Mussolini, está observando de que forma esses atores e suas correntes de pensamento se apresentam no cenário da política.

O tabuleiro da política é tenso, com um vaivém envolvendo a crise dos socialistas, que se dividem em três correntes: a reformista, a de centro e a esquerda, que mais tarde dará origem ao Partido Comunista. A indefinição é narrada em quatro artigos, mas estará presente nos embates reais ou teóricos que se apresentam em quase todos os demais artigos.

Após as greves de 1919 e 1920, os socialistas vão perdendo a capacidade de manter a ofensiva nas lutas econômicas. As divergências entre os líderes e as suas idéias colocam em paralisia os movimentos operários.

Os socialistas estão por demais acomodados à lógica parlamentar e às reivindicações econômicas. A ruptura à esquerda, vinculada às ideias de Lênin e da III internacional, através do Partido Comunista, carece de penetração junto a amplos setores das classes operárias e populares, ficando restrita à crítica política, incapaz de impor seu próprio movimento ou a unidade aos movimentos socialistas.

O Partido Popular Cristão de Dom Sturzo, que compõe uma organização que resgata em algumas de suas alas o socialismo-cristão, enquanto em outras predomina a direita ligada ao Vaticano, apresenta-se como a centro-esquerda, extraindo suas forças do proletariado cristão. Poderia se afirmar como um ponto de equilíbrio dentro da jovem nação, mas se encontrava em crise com a reação fascista e o fortalecimento das tendências à direita do clero.

A crise liberal será ainda mais profunda quando observar o cenário de decomposição dos governos. Os governos vão se alterando e caindo como papel, tendo como aporte a inabilidade frente à política internacional, como demonstram a questão do estado independente de Fiume ou as negociações do botim do pós-guerra; também a ação econômica dos sindicatos e dos camponeses que pressionam por mudanças econômicas e, ao mesmo tempo, a organização de falanges paramilitares que agem violentamente contra os operários, camponeses e suas organizações.

Mariátegui narra a habilidade de governantes como Nitti e Giolitti que, ao cederem às pressões sindicais e camponesas, apostam na limitação economicista do programa dos socialistas. Dessa maneira, acomodaram as classes operárias e populares ao limite de seu ganho, dentro da ordem, e assim detiveram o avanço da revolução.

A luta de classes e de suas frações se apresenta principalmente nas correntes de ideias observadas na imprensa, movimentos culturais e parlamento. Dessa forma, Mariátegui apresenta um apanhado das principais correntes intelectuais e seus órgãos de imprensa, como os jornais e periódicos da época, nos quais os interesses de classes (e suas frações) estão representados. De igual maneira, observa o movimento futurista de Marinetti e sua visão nacionalista arisca como “quase uma filosofia” e também como “um dos elementos espirituais do fascismo”. O mesmo pensa de D’Annunzio, mas ao mesmo tempo os vê como estetas e apaixonados por sua própria ação, e não pela política em *stricto sensu*.

O esforço de Mariátegui é tentar entender a lógica do fascismo, assim, observa nas palavras dos líderes fascistas uma ausência de programa. As ideias dos líderes fascistas são um conjunto de opiniões que se compõem como algo místico, que tentam formular um ente coletivo acima das classes, dos grupos ou indivíduos: a nação. O interesse nacional estaria acima de tudo; de igual maneira, os fascistas julgavam que a política externa seria a extensão das vocações nacionais aos moldes dos impérios, não sendo à toa que tomam emprestadas as saudações romanas utilizadas por D’Annunzio, em Fiume. O fascismo também reagia contra a política externa derrotista formulada pelos governos liberais. Visava a resgatar o orgulho italiano maculado e do soldado italiano que combateu na Grande Guerra que, então, sentia-se humilhado. A violência do fascismo seria uma resposta à violência totalitária dos socialistas bolcheviques. Dessa maneira, enquanto os socialistas agem em nome de uma classe e de seus interesses, os fascistas agem em nome de toda a nação. Combatiam a todos que se colocam ao lado da especulação, da agiotagem, do lucro sem trabalho e/ou do interesse particular de uma única classe.

O confuso discurso fascista ganha nas ações teatrais e hábeis de Mussolini e nas forças de seus discursos e artigos escritos, publicados no *Il popullu d’Italia*, um sentimento capaz de mobilizar setores descontentes com o liberalismo e com a ação socialista do proletariado e camponeses.

Os métodos fascistas serão frisados por Mariátegui como a intimidação e a violência através da tortura contra os opositores de esquerda, como o deputado socialista Matteotti, morto pelas falanges, ou contra os liberais, como Piero Gobetti e Benedito Croce. Igualmente, não acreditava na fé de Giolitti, na tradição transformista da política italiana de Benito Mussolini, nem que os fascistas se adaptariam ao ambiente parlamentar liberal. Acreditava que a indefinição dos socialistas – em ora crer no parlamento, ora boicotar o parlamento, como contraponto a Mussolini – fortaleceria a ditadura. Percebia que este era um movimento internacional do capital, não era apenas uma exceção, mas a afirmação de uma reação à Revolução russa e a ameaça da revolução socialista na Itália.

A simpatia de Mariátegui pela III Internacional é clara: via na linha de ação do PCI a possibilidade real de luta contra o fascismo, como igualmente salienta que as indefinições do movimento socialista deveram-se à adaptação do PSI aos limites do estado burguês parlamentar.

José Carlos Mariátegui deixa claro que o espírito da reação não era afirmação do novo, de uma revolução, mas a defesa incrustada da ordem burguesa e do capitalismo. O espírito do capitalismo e de seus valores era o verdadeiro componente policrômico da religião fascista, como faz lembrar, ao narrar o financiamento das classes burguesas ao movimento.

Por fim: em tempos em que bairros são inundados por governadores e prefeitos com objetivos de retirarem pobres e construir no local um parque ecológico, para as caminhadas das classes médias, em que manifestações são feitas para que não se deem comida aos moradores de rua, em que muros separam cidades e países entre suas populações ricas e pobres, o livro de José Carlos Mariátegui é uma leitura atual e obrigatória.

\* Mestre em ciências políticas e pesquisador do Neils.